EDUCAÇÃO EM DISPUTA

organização
Daniel S. Lopes
Jéssica Miranda de Souza
Rodrigo Torres do Nascimento

organização
Daniel S. Lopes
Jéssica Miranda de Souza
Rodrigo Torres do Nascimento

EDUCAÇÃO EM DISPUTA

1º encontro de estudantes
de pós-graduação da Uerj

UERJ | DECULT
2019

Ficha técnica
Editora: **Decult Uerj**
Organização: **Daniel S. Lopes, Jéssica Miranda de Souza e Rodrigo Torres do Nascimento**
Capa: **Bibiana Serpa e Rodrigo Torres do Nascimento**
Diagramação: **Rodrigo Torres do Nascimento**
Revisão: **Jéssica Miranda de Souza**

CATALOGAÇÃO NA FONTE

E56 Encontro de estudantes da pós-graduação da UERJ (1.:2019: Rio de Janeiro) Educação em disputa: 1. Encontro de estudantes da pós-graduação da UERJ/ Organizadores: Daniel S. Lopes; Jéssica Miranda de Souza; Rodrigo Torres do Nascimento. – Rio de Janeiro: UERJ/DECULT, 2019.
300 p.

ISBN 978-85-85954-95-6

1. Arte na educação – Rio de Janeiro (RJ) - Congressos. I. Título. II. Lopes, Daniel S. III. Souza, Jéssica Miranda de. IV. Nascimento, Rodrigo Torres do. V. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento Cultural.

CDU 7:37

UERJ/REDE SIRIUS/NÚCLEO MID
Bibliotecária: Luciana Avellar CRB7/4544

SUMÁRIO

O encontro 05
Jéssica Miranda de Souza

Educação em Disputa 21
Daniel S. Lopes e Rodrigo Torres do Nascimento

A Associação de Pós-graduandas(os) da Uerj 34
Manuelle Matias e Rodrigo Torres do Nascimento

BACURAU: uma experiência coletiva 49
Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior

Grupos de Trabalho 63

Minicursos 283

EDUCAÇÃO EM DISPUTA

Daniel S. Lopes
Rodrigo Torres do Nascimento

Educação, Ciência e Cultura sempre foram campos de disputa políticas e ideológicas na sociedade. Essas disputas ocorrem em todos os campos possíveis, seja em conversas corriqueiras a debates inflamados, na rua, nas redes sociais virtuais e nos espaços de poder e tomada de decisões. É importante ressaltar que essa disputa por narrativas é importante para o pleno exercício da democracia, pontos de vistas distintos em diálogo, o respeito a diversidade e o entendimento de sua importância são centrais aqui e é desvirtuando esse aspecto que a sociedade brasileira vem em sua história inclinando a um perfil autoritário que se declarou nas eleições de 2018. O governo na época eleito é hoje quem rege o país com aspirações autoritárias e assim o faz sem entender a lisura do cargo presidencial e de ministros de Estado, são partidários da violência e inimigos da Educação.

No final de abril do ano de 2019, a nova gestão do Ministério da Educação (MEC), sob o comando de Abraham Weintraub, anunciou o corte de verbas da UFF, Ufba e UnB, que, segundo ele, "estiverem fazendo balbúrdia" na tentativa não só de sufocar financeiramente as universidades mas também desmoralizá-las perante a sociedade, prática comum entre os integrantes do governo de Jair Bolsonaro. Sem nenhuma justificativa plausível sobre a escolha das 3 instituições, posteriormente, o corte foi ampliado para todas as universidades. Um bloqueio de 30% na verba das instituições de ensino federais, entre as 60 universidades e os quase 40 institutos em todo o país. De acordo com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), o contingenciamento atingiu 20% da verba para custeio (ou seja, serviços de manutenção, limpeza, segurança, entre outros), e 90% da verba de investimento (custos de uma obra, reforma ou construção, por exemplo). Fazendo com que os campi das instituições de ensino federal ficassem sem nenhuma manutenção que garanta um ambiente propício a plena produção de conhecimento.

Em maio, o MEC anunciou que também estudava "descentralizar" investimentos aos cursos de filosofia e sociologia, o que mobilizou um manifesto contrário à proposta assinado por representantes de universidades com prestígio mundial, como Harvard, Yale, MIT, Oxford, Cambridge, Sorbonne, Columbia e Berkeley. É nítida a orientação de órgãos do governo contra, em especial, as ciências humanas por entender os pesquisadores nessa área como inimigos e que na condição de governo podem então atuar para o esvaziamento de seus investimentos públicos.

O presidente chegou a alegar que iria concentrar os recursos em áreas que "dão retorno rápido ao contribuinte" querendo assim disputar a narrativa que existam áreas mais importantes e que as ciências humanas podem sofrer com cortes por não darem um retorno a sociedade. Esse entendimento além de errôneo, já que os estudos relativos as humanidades contribuem assim como as demais áreas a todas as ciências, é uma tentativa de descredibilizar profissionais altamente comprometidos, que são críticos sim a maneira como o governo vem atuando, mas pelo seu papel monocrático e desrespeitoso perante a democracia e a ciência.

Se tratando do cargo de presidente da república, o atual ocupante deveria zelar pela impessoalidade e buscar maneiras de governar para toda a população brasileira, porem essa não parece ser sua intenção. Bolsonaro não gosta da educação e muito menos da democracia e enfraquecer o ensino público universitário no país só demostra isso. As universidades brasileiras vem se tornando ao longo do tempo, principalmente após políticas públicas de inclusão, um lugar mais plural e representativo da sociedade e é um importante motor da mobilidade social, talvez um dos serviços públicos no país mais bem prestados a população e deveria ser valorizado e expandido para poder suprir a demanda por um curso superior no país.



Manifestação pela educação em 15 de maio de 2019 | Foto: Reuters



Debate com o FOPROP sobre os cortes no CPNq | Foto: Arquivo APG Uerj

Ainda no mês de maio, o ministro da educação foi convocado para o congresso para dar explicações acerca do corte no setor, após votação favorável a convocação por parte de 307 deputados, contra 82. A sessão ocorreu ao mesmo tempo em que aconteciam os protestos pelo Brasil. Entre as palavras de ordem usadas pelos manifestantes incluem-se: "Tira tesoura da mão e investe na educação" e "Não é mole não, tem dinheiro pra milícia, mas não tem pra educação", em alusão a um possível envolvimento de Bolsonaro com as milícias e o Caso Queiroz. Segundo a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Associação Nacional dos Pós-graduandos (ANPG) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), 500 mil manifestantes compareceram na Avenida Paulista, e no total, compareceram 1,5 milhão em todo o país. Nós pós-graduandos da Uerj junto com demais estudantes, professores e funcionários técnicos administrativos também estivemos presentes na Avenida Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro, com mais de 150 mil manifestantes.



Manifestação pela educação em 15 de maio de 2019 | Foto: Rodrigo Torres do Nascimento

Na educação, os cortes do governo alcançaram 7,4 bilhões de reais. Investimentos em pesquisa, como bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foram cortados, afetando principalmente estudantes da baixa renda da educação básica, futuros pesquisadores ainda na graduação e em grande parte os estudantes da pós-graduação. Foram quase 12 mil bolsas de estudos cortadas e a completa redução do orçamento destinado aos programas de pós-graduação. Na Uerj, o programa de pós que mais sofreu com os cortes foi o PPGArtes, com 12 bolsas de mestrado cortadas. Estudantes que já haviam se organizado para começar a receber as bolsas ficaram sem perspectivas de continuar suas pesquisas.



Assembleia de posse da APG Uerj em 01 de julho de 2019 | Foto: Arquivo APG Uerj

Não obstante o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) quase não conseguiu pagar as bolsas de estudos oferecidas pela agência durante o ano e vem sofrendo a possibilidade de fusão com a CAPES, o que daria fim as atividades da agência que é um importante mecanismo de incentivo a pesquisa científica no país, fundado em 1951 tendo a missão de fomentar a Ciência, Tecnologia e Inovação e atuar na formulação de suas políticas, contribuindo para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento sustentável e a soberania nacional, porém, essas não parecem ser as mesmas intenções do atual governo federal brasileiro mais preocupado, citando o próprio presidente, em desconstruir o Estado brasileiro. Já no final de 2019 foi anunciado que as bolsas do CNPq vão passar a ser atreladas a grupos de pesquisa de "áreas prioritárias" do governo e não mais aos programas de pós-graduação das universidades brasileiras.



Manifestação pela educação em 15 de maio de 2019 | Foto: Rodrigo Torres do Nascimento

A desmoralização praticada pelo atual governo vem desde o período eleitoral, em que os mesmo que agora ocupam o Palácio do Planalto utilizaram de notícias falsas para perseguir educadores alegando uma doutrinação comunista nas escolas e universidades e a "ideologia de gênero" entendimento reacionário à políticas educacionais direcionadas ao respeito as diversidades sexuais e de gênero nas escolas brasileiras.



Foto: Rodrigo Torres do Nascimento

Culminando no "Escola sem Partido", um projeto de lei que impõe uma fiscalização e punição a professores que falem sobre gênero, sexualidade, e quaisquer assuntos relativos a movimentos sociais, classes, partidos políticos de esquerda e correntes de pensamento do campo, ferindo assim a liberdade de cátedra dos educadores, garantida pela constituição. Hoje embora o fundador do movimento que deu origem ao projeto tenha desistido do mesmo, o governo federal abriu canais para receber denúncias de possíveis doutrinações em sala de aula com o intuito de perseguir professores e estudantes. Algo que contribui para o medo de profissionais da área atuarem com plena liberdade no exercício de suas funções. Os críticos ao programa afirmam que o mesmo representa uma imposição de um pensamento único. Mais do que isso: representa um discurso de uma neutralidade que não existe, como já afirmava Paulo Freire (2011), "não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?"

Todos os espaços educativos devem estar abertos as possibilidades de entendimentos de mundo. Sejam de quais matizes ideológicas forem, devem ser respeitadas é claro, sem que essas firam a dignidade de qualquer pessoa. Em um ambiente democrático que é como devem ser as escolas e universidades brasileiras, como descreve a constituição federal, as disputas são saudáveis, o diálogo e a divergência fazem parte de um lugar que se propõe a produzir conhecimento sem quaisquer riscos. A perseguição a um pensamento não deve ser tolerado, ainda mais com a ideia, sem respaldo algum com as diversas realidades, de que professores doutrinam estudantes, algo que só pode vir de pessoas que não são pesquisadores da área já que não compreendem a complexidade que existe dentro dos cotidianos escolares Brasil afora.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2011.

STROPASOLAS, Pedro. *Como os cortes de bolsas afetam a vida de milhares de cientistas no Brasil*. Brasil de Fato, São Paulo, 17, setembro e 2019. Educação. Disponível em: <brasildefato.com.br/2019/09/17/como-os-cortes-de-bolsas-afetam-a-vida-de-milhares-de-cientistas-no-brasil/>. Acesso em: 20, dezembro de 2019.


APG
UERJ


APG
UERJ
APG
ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUANDAS(OS) DA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UERJ




APG


APG
UERJ




APG
UERJ
APG
APG
UERJ



A ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUANDAS(OS) DA UERJ

Manuelle Matias
Rodrigo Torres do Nascimento

A Associação de Pós-Graduandas e Pós-Graduandos da UERJ (APG Uerj) começou a partir da vontade de luta e mobilização de grandes mulheres pós-graduandas. De personalidades e inserções no mundo diferentes, estas mulheres têm em comum o espírito aguerrido, o amor pela UERJ e o fato de em sua maioria serem migrantes. No dia 14 de outubro de 2015 fundou-se a Comissão Pró-Associação de Pós-Graduand@s da UERJ (Comissão Pró-APG) a partir do esforço de quatro grandes mulheres: Manuelle Matias, Alessandra Aniceto, Camila Maranha e Natália Leão. Depois do dia 5 de novembro de 2015, data de fundação da APG UERJ outras grandes mulheres somaram-se a esta luta, como é o caso de Gracyelle Costa, Adna Campos, Vânia Sanches, Priscilla Figueiredo, Luyanne Azevedo, Carolina Maia. A cor lilás que inspira nossa logomarca é uma homenagem à luta feminista das Mulheres na Ciência.

Os caminhos que nos trouxeram até aqui

Em 2016 sofremos um duro golpe jurídico-parlamentar que depôs a primeira mulher democraticamente eleita Presidenta da República do Brasil: Dilma Rousseff. A agenda de retirada brutal de direitos sociais que veio com o golpe impôs um período de grande instabilidade política e social no Brasil e se refletiu na ciência e nas universidades públicas. As universidades do estado do Rio de Janeiro (UERJ, UENF e UEZO), e em especial a UERJ passou pela pior crise de sua história, com ameaça explícita de fechamento pelo Tesouro nacional ligado ao presidente golpista. Nesta universidade em especial, estivemos na linha de frente da denúncia do seu desmonte e sucateamento em várias frentes de luta. O orçamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ) também foi fortemente ameaçado de comprometimento e via-se constantes atrasos no pagamento a bolsistas. Estivemos junto aos pós-graduandos do estado do RJ em várias frentes de diálogos com o governo estadual e em audiências públicas com a comunidade científica, movimentos sociais e sociedade civil para a garantia do pagamento aos bolsistas e do orçamento da Faperj.



Foto: Arquivo APG Uerj



Comando de greve da UERJ | Foto: Arquivo APG Uerj

Nesta época também se discutia através da PEC19/2016 o corte de 50% do orçamento da FAPERJ. Participamos de Audiência Pública em defesa do orçamento da Faperj e contra o desmonte dessa importante agência de fomento à pesquisa estadual.

Passamos por um período de sucessivas greves devido à ameaça de fechamento da UERJ, pela falta de compromisso do estado no pagamento das despesas da Universidade. Em 2015 tivemos a ocupação da UERJ, em 2016, 2017 e 2018 tivemos greve. Compusemos o comando de greve e as mesas de negociação com o governo estadual junto à Asduerj, SINTUPERJ e DCE. Um período extremamente difícil. Participamos de Aulas públicas nos programas de pós-graduação, debates, Audiências públicas junto a parlamentares da ALERJ, sindicatos e associações. Também estivemos à frente da realização de um grande evento na pós-graduação que foi chamado de I Primavera da Pós UERJ com o tema "A pós da UERJ existe e resiste".



Foto: Arquivo APG Uerj

Na articulação contra o desmonte e os cortes na ciência, tecnologia, inovação e universidades públicas compusemos os comitês de várias cidades do Brasil que organizaram as Marchas pela Ciência e estivemos na organização da Campanha

“Conhecimento sem Cortes” em parceria com a ADUFRJ, SBPC, ABC e várias universidades públicas e entidades científicas. Inauguramos o tesourômetro - instrumento para mensurar os cortes na ciência e nas universidades em várias cidades e em especial em Belo Horizonte, onde participamos da 69ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).



Marcha pela Ciência | Foto: Arquivo APG Uerj

Em 2017 tivemos ameaça de suspensão das bolsas do CNPq, o que atingiria mais de 90 mil pesquisadores em todo o país. Realizamos uma Assembléia Pública de pós-graduandos nas escadarias da Câmara de Vereadores na Cinelândia para discutir estratégias de enfrentamento a este cenário. Nesses e outros fóruns de discussão pautamos além da defesa da ciência e da universidade pública e da denúncia dos cortes, a importância da democratização do acesso à ciência no Brasil. Por isso nos colocamos contra as novas exigências do edital nº47/2017 da Capes que trata sobre o Doutorado sanduíche e pautamos este debate na Audiência Pública na Câmara Federal que tratou sobre o tema, denunciando o caráter elitista dessa medida. No final de 2017, sofremos a perda de um colega querido para a depressão, o que nos motivou a refletir sobre as pressões no ambiente acadêmico e a realizar uma grande roda de conversa sobre “Saúde Mental na Pós-Graduação”, que reuniu pós-graduandos de diversas Universidades, profissionais da saúde, movimentos sociais e a sociedade civil em geral.



Foto: Arquivo APG Uerj

Em 2018, estivemos presentes ainda na construção do 8º Encontro de Mulheres Estudantes da UNE, que contou com a presença de Luyanne Azevedo na mesa de abertura e na mostra científica. Esse encontro se propôs a pensar o papel, o lugar e os caminhos das mulheres que fazem ciência, para que estejam cada vez mais presentes nos espaços de divulgação científica, de discussão política e representação exercendo a escuta, a troca e a fala em primeira pessoa. Este caldo político desembocou na realização do I Encontro de Mulheres Pós-Graduandas da ANPG, discutindo a realidade e os desafios de ser mulher na academia, espaço voltado para pensar a superação do machismo, racismo e as desigualdades sociais num espaço tão elitista que é a Academia. Em agosto de 2018, o Conselho Superior da Capes notificou a ameaça de suspensão de 100% das bolsas da Capes, caso o orçamento para a educação fosse vetado, ameaça que se configurava real. A APG UERJ disparou o Primeiro Grande Ato Nacional Contra a Suspensão das Bolsas Capes - lotado e debaixo de chuva na Cinelândia - iniciativa que foi replicada em vários estados e cidades do país e reverteu o possível veto presidencial. Continuamos a mobilização das ruas e realizamos um "Ato-vigília pelo Pagamento das Bolsas e do Orçamento da

Educação". Engajamo-nos ativamente nas ruas em defesa de um projeto nacional em defesa da educação pública e da ciência nas eleições presidenciais que se seguiram.

Em 2019 estivemos presentes na construção do I Encontro de Jovens Cientistas Negros e Negras da ANPG e na Conferência Livre de Saúde da Juventude Negra e Quilombola que aconteceu junto ao 6º Encontro de Negros e Negras da UNE. Nos dias 15 e 30 de maio estivemos nas ruas construindo a Greve Nacional da Educação. No dia 14/06 nos somamos às iniciativas em todo o Brasil para a construção de uma grande Greve Geral contra a Reforma da Previdência, não obstante, deputados do PSL na tentativa de atacar a Uerj quiseram criar uma CPI das universidades estaduais e com muito diálogo e luta conseguimos junto com os demais estudantes, professores e funcionários da universidade barrar o projeto.



Plenário da ALERJ | Foto: Arquivo APG Uerj

Acreditamos que para fazer frente a ofensiva neoliberal na ciência e na educação entendemos que é preciso nos organizar pela defesa da educação pública, da ciência

e pelos nossos direitos. E nessa perspectiva realizamos a primeira eleição da APG Uerj que em junho de 2019 empossou a primeira gestão eleita da entidade. Foram 381 votos dentre esses 321 para a chapa "A Uerj pode mais", dando assim uma ampla vitória no pleito que envolveu não só o campus Maracanã mas também; ESDI, HUPE, FFP, FEBF e IESP, demonstrando assim a capacidade de mobilização do corpo estudantil da pós-graduação em nossa universidade mesmo sofrendo com os desmandos dos governos estadual e federal.



Posse da 1º gestão eleita da APG Uerj em 01 de julho de 2019 | Foto: Arquivo APG Uerj

O ano de 2019 trouxe consigo inúmeros desafios aos estudantes e entendemos que a APG Uerj tem um papel fundamental na perspectiva não só da resistência, mas também da ampliação dos nossos direitos. Os pós-graduandos estão juntos as mobilizações, seja nas ruas mas também nas salas de aula, nos nossos campos de trabalho, nos grupos de pesquisa e em todos os espaços de atuação política na perspectiva de se contrapor a negação de direitos, de nossa liberdade, da ciência, da cultura, da pesquisa e da educação em nosso país, direitos esses que podem fazer o Brasil superar a crise não só econômica mas também social e política.


UERJ
ENTRE AS MELHORES
UNIVERSIDADES
DO BRASIL (15°)
DA AMERICA LATINA (2
E DO MUNDO (775°
ANPG
NACIONAL DE PÓS-GRADUANDOS


ANPG


LULA
LIVRE




NÚCLEO DE ESTUDOS
CONTEMPORÂNEAS E
LUGAR DE
MULHER
NA
DOMINGO COM
CIÊNCIA NA
QUINTA


URNA 06
URNA DE VOTAÇÃO
Associação de
Pós-Graduandos
APG UERJ


EXISTE
RESISTE
ANPG
EXISTE
RESISTE




ANPG
PÓS UERJ
EXISTE
RESISTE
PÓS UERJ
EXISTE
RESISTE


UERJ
INFORMA
UERJ


APG


ANPG
ANPG
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUANDOS
FORA


bserve



